

10

**TESTEMUNHO DE EDUARDO CAMPOS  
SOBRE SEU SOGRO,  
REV. NATANAEL CORTEZ**

**DOCUMENTOS: MEMÓRIAS**

**A TESTIMONY OF EDUARDO CAMPOS  
ABOUT HIS FATHER-IN-LAW,  
REV. NATANAEL CORTEZ**

**DOCUMENTS: MEMORIES**

**Márcia Serra Ribeiro Viana**

Professora titular do Programa de Pós-Graduação em Ciências da Religião da Universidade Presbiteriana Mackenzie, onde é Secretária Executiva do Núcleo de Estudos da Reforma (Nuer); é socióloga, doutora em Ciências Sociais da Religião pela Umesp, mestre em Letras e Comunicação pela Universidade Mackenzie.



## APRESENTAÇÃO

Bacharel em Ciências Jurídicas e Sociais pela Faculdade de Direito do Ceará (1948), Manuel Eduardo Pinheiro Campos, nasceu em Guaiúba, então distrito de Pacatuba, Ceará, no dia 11 de janeiro de 1923, filho de Jonas Acióli Pinheiro e Maria Dolores Eduardo Pinheiro; falecido seu pai ainda em seus primeiros meses, Eduardo foi criado por seus tios, João Pereira Campos e Isabel Eduardo Campos (irmã de Maria Dolores). É casado com Heldine Cortez Campos, filha de Natanael Cortez.

Eduardo Campos é jornalista e radialista, ocupa os cargos de diretor-presidente da Ceará Rádio Clube; Membro da Comissão Executiva do Condomínio Acionário das Emisoras e Diários Associados, e seu atual Cabecel. Já ocupou cargos de diretor dos jornais Correio do Ceará e Unitário, Rádio Araripe (Crato, CE) e TV Ceará, Canal 2; foi membro do Conselho Universitário da Universidade Federal do Ceará, de 1966 a 1979; do Conselho de Cultura do Estado, de 1966 a 1973; do Conselho de Política Administrativa, Social e Econômico-financeiro do Ceará - COMPASE, 1981; foi Secretário de Cultura e Desporto, Governo Virgílio Távora, de 1979 a 1982; e do Governo Manoel Castro, de 1982 a 1983; foi Assessor de Juiz do Tribunal Regional do Trabalho, da 7ª Região, e seu diretor de Comunicação Social, de 1987 a 1993.

Tem publicadas obras nas várias áreas em que atua: contos, teatro, folclore, romances, estudos vários, biografias, memórias, textos para edições especiais.

## OBRAS PUBLICADAS

---

- **Contos:** *Águas mortas*, Fortaleza: Clá, 1943; *Face iluminada*, Fortaleza: Clá, 1946; *A viagem definitiva*, Fortaleza: s.e. Editora Fortaleza, 1949; *Os grandes espantos*, Fortaleza: A Comédia Cearense, 1965; *O abutre e outras histórias*, Fortaleza: Imprensa Universitária, 1968; *As danações*, Fortaleza: A Comédia Cearense, 1967; *O tropel das coisas*, Rio de Janeiro: O Cruzeiro, 1970; *Dia da caça*, Rio de Janeiro: Cátedra, 1980; *O escrivão das malfeitorias*, Fortaleza: Edigraf, 1993; *A borboleta acorrentada*, Coleção Alagadiço Novo, UFC, 1998; *O pranto insolito*, Fortaleza: UFC, 2000 (Coleção Alagadiço Novo); *As mal-maridadas*, Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 2001.
- **Teatro:** *O demônio e a rosa*, Fortaleza: Clá, 1948; *O Anjo*, Fortaleza: Clá, 1965; *O Morro do Ouro*, Fortaleza: A Comédia Cearense, 1965; *A Rosa do Lagamar*, Fortaleza: A Comédia Cearense C.P. Fortaleza, 1967; *A farsa do cangaço astucioso*, Fortaleza: A Comédia Cearense, 1985; *O Morro do Ouro e Rosa do Lagamar*. 2. ed. Fortaleza: A Comédia Cearense, 1985; *Os deserdados*, Fortaleza: A Comédia Cearense, 1967 (c. texto em espanhol de Geraldina Amaral); idem, separata do texto para televisão, edição bilingüe (português/espanhol), *Rev. Com. Cearense*, 1987; *Os deserdados*. Texto de balé de Hugo Bianchi, exibido no Teatro Alberto Maranhão, Natal, 9 nov. 1980; *A trilogia dos dramas urbanos* (incluindo *O Morro do Ouro*, *Rosa do Lagamar* e *A donzela desprezada*), análise de Marcelo Costa, Edições Balaio, 1995; *Teatro completo de Eduardo Campos*, Fortaleza: UFC, 1999. v. 1 e 2. (Coleção Alagadiço Novo).
- **Folclore:** *Medicina popular* (e depois *Medicina popular do Nordeste*) 1., 2., 3. eds. Fortaleza: Clá; Casa do estudante do Brasil, Rio de Janeiro: O Cruzeiro, anos de 1951, 1955 e 1959; *Estudos do folclore cearense*, Fortaleza: UFC, 1960; *Folclore do Nordeste*, Rio de Janeiro: O Cruzeiro, 1973; *Cantador, musa e viola*, Rio de Janeiro: Americana/MEC, 1973.
- **Romances:** *O chão dos mortos*, Rio de Janeiro: O Cruzeiro, 1964; *A véspera do dilúvio*. 1. e 2. eds. Rio de Janeiro: Gráfica Edit. Record, 1968 e 1969.

- **Estudos:** *Complexo de Anteu*, Fortaleza: UFC, 1978; *As irmandades religiosas do Ceará provincial*, Fortaleza: Secretaria de Cultura, 1980; *Procedimentos de legislação provincial do ecumeno rural e urbano do Ceará*, Fortaleza: Secretaria de Cultura, 1981; *A Fortaleza provincial: urbana e rural*, Fortaleza: IOCE, 1982; *Revelações da condição de vida dos cativos do Ceará*, Fortaleza: IOCE, 1983; 2. ed. Secretaria de Cultura do Ceará, 1984; *A viuvez do verde*, Fortaleza : Edição Comemorativa dos 100 anos da Imprensa Oficial do Ceará, 1983; *Estrada de Ferro de Baturité: história e ação social*, Fortaleza: Secretaria de Cultura, 1982; *Imprensa abolicionista: Igreja, escravo e senhores*, Fortaleza: BNB, 1984; *50 Anos da Ceará Rádio Clube - 1934-1984*, Fortaleza: IOCE, 1984; *Capítulos de história da Fortaleza do século XIX*, Fortaleza : UFC, 1985; *Crônica do Ceará Agrário*, Fortaleza: Stylus, 1989; *Aspectos socioculturais dos inventários da Ribeira do Mossoró*, Mossoró: Série C, 1989 (Coleção Mossoroense); *O ideário de Manezinho do Bispo*, Brasília: Gráfica do Senado, 1992; *A memória imperfeita*, Fortaleza: Expressão Gráfica e Editora Instituto do Ceará, 1993; *O inventário do quotidiano* (Breve Memória da Cidade de Fortaleza), Fortaleza: Fundação Cultural de Fortaleza, 1996; *A gramática do paladar*, Fortaleza: UFC, (Coleção Alagadiço Novo); *O inquilino do passado*, Fortaleza: UFC, 1997 (Coleção Alagadiço Novo); *A volta do inquilino do passado*, UFC, 1998 (Coleção Alagadiço Novo); *A invenção do discurso ambiental*, Fortaleza: UFC, 1998 (Coleção Alagadiço Novo); *TV Ceará: a fábrica de sonhos*, Fortaleza: UFC, 1999; *A descoberta do sabor selvagem*, Fortaleza: UFC, 2000 (Coleção Alagadiço Novo); *O pouso da águia*, Fortaleza: UFC, 2000 (Coleção Alagadiço Novo); *Os vizinhos*, Fortaleza: Expressão Gráfica, 2001.
- **Biografias:** Gustavo Barroso: *Sol, mar e sertão*, Fortaleza: UFC, 1988 (Coleção Alagadiço Novo); *Natanael Cortez e o ministério da palavra*, Fortaleza: Stylus, 1991.
- **Memórias:** *Na flor da idade*, Fortaleza: Tukano, 1991.
- **Textos para Edições Especiais:** *50 Anos de Ceará Rádio Clube – 1934/1984*, Fortaleza: Imprensa Oficial, 1984; *Mucuripe – álbum especial de fotos de Chico Albuquerque*,

São Paulo: Marprint, 1989; 2. ed. 2000; *A morte prepara o laço*, Fortaleza, 1996. Texto e realização para televisão. Edição fora de comércio,

## PARTICIPAÇÃO EM ANTOLOGIAS

*Antologia da literatura brasileira*, Montevideu: Instituto Uruguaio-Brasileiro, 1951; Segundo Caderno de Gramática e Antologia, Instituto Uruguaio-Brasileiro, 1951; *Antologia cearense*, Fortaleza: IOCE, 1957; *Nuovi Raconti Brasiliani*. ed. Bilingüe. Rio de Janeiro: Rev. Branca, 1958; *Conteurs Brésilliens*, Rio de Janeiro: Rev. Branca, 1953; *New Brazilian Short Stories*, Rio de Janeiro: Rev. Branca, 1953; R. Magalhães Jr. (Org.), *Contos do Norte*. Rio de Janeiro, 1959; Florival Seraine (Org.), *Antologia do folclore cearense* Fortaleza: Henriqueta Galeno, 1968; Pacatuba; *Antologia do Centenário*, Fortaleza: IOCE, 1963; *Die Reiher una Andre Brasilinsche* (Antologia do conto brasileiro), Alemanha: Verlag, 1967; *Antologia do conto cearense*, Fortaleza: Tukano, 1990; *A seca em nos*, Fortaleza: Centro de Humanidades da Universidade Estadual do Ceará, 1989; Raimundo Girão (Org.), *Da senzala para os salões*, Fortaleza: Secretaria de Cultura, 1988; *Antologia da Academia Cearense de Letras*, Fortaleza: Gráfica Editora Tipogresso, 1994 (Edição do Centenário); *O talento cearense em contos*, São Paulo: Editora Maltese, 1996; *Almanaque de contos cearenses*, Fortaleza: Bagaço, 1997.

## DISCURSOS PUBLICADOS (EM OPÚSCULOS)

*Três discursos*, com Mário Sobreira de Andrade e Antônio Girão Barroso, Fortaleza: Clá, 1943; *Discurso de saudação e posse no Instituto do Ceará*, com Mozart Soriano Aderaldo, separata da *Revista do Instituto do Ceará*, Fortaleza; *Discurso de saudação e posse na Academia Cearense de Letras*, com Raimundo Girão, Fortaleza; *O amigo fala do constista e o contista do amigo*, com Otacílio Colares, Fortaleza, 1968; *A*

*missão do escritor e a crise do espírito*, com Artur Eduardo Benevides, Fortaleza: UFC, 1973.

## OUTROS LIVROS (ESTUDOS) EM CO-AUTORIA

---

*DNOCS e o Novo Nordeste*, 2v. Brasília: Ministério do Interior, 1985, em parceria com Geraldo S. Nobre e João Alfredo de Souza Montenegro; *O legislativo cearense; 150 anos de atuação*, Fortaleza: Stylus, 1987, em parceria com Geraldo S. Nobre e João Alfredo de Souza Montenegro; *Contribuição à História da Justiça do Trabalho no Ceará*, Separata da *Revista do TRT da 7ª Região*, 1987-1988, Fortaleza, em parceria com os já citados e João Hipólito Campos de Oliveira; *A fauna do Nordeste do Brasil: conhecimento científico e popular*, Banco do Nordeste do Brasil, 1995, em parceria com o zoólogo Melquíades Pinto Paiva.

## FOLHETOS E SEPARATAS

---

*Decoração teatral, estudo teatral*, Fortaleza: Clã, 1948; *As manifestações populares do Ceará: o folclore*, Fortaleza, 1985 (Edição do Centenário do Instituto do Ceará); *Cultura: definição, problemática e proposta para sua vigência municipal*, Fortaleza: Secretaria de Cultura, 1980; *O exemplar vingt-un Rosado Maia*, 1990 (Coleção Mossoroense).

## TEATRO: PEÇAS (ESPETÁCULOS EM ESTRÉIA)

---

*O demônio e a rosa*, 1950, Teatro José de Alencar (Teatro Universitário), Fortaleza; *O anjo*, 1955, Teatro José de Alencar (Festival de Arte de Amadores), Fortaleza; *A máscara e a face*, 1956, Teatro Santa Isabel, Recife; *Nós, as testemunhas*, 1957, Teatro José de Alencar (Teatro-Escola do Ceará), Fortaleza; *Os deserdados*, 1955, Teatro Alberto

Maranhão, Natal; *O Morro do Ouro*, 1963, Teatro José de Alencar (A Comédia Cearense), Fortaleza; *O Julgamento dos Animais*, 1962, Teatro José de Alencar (Comédia Cearense), Fortaleza; *A Rosa do Lagamar*, 1964, Teatro José de Alencar (Comédia Cearense), Fortaleza; *A farsa do cangaceiro astucioso*, 1965, Teatro José de Alencar (Comédia Cearense), Fortaleza; *O fazedor de milagres*, 1967, Teatro José de Alencar (Comédia Cearense), Fortaleza; *A donzela desprezada*, 1995, inaugurando o Teatro do IBEU (Grupo Balaio) em Fortaleza.

## TEXTOS DRAMÁTICOS PARA TELEVISÃO

*As tentações do demonio; O amargo desejo da morte; A morte prepara o laço; Contrabando ao cair da noite; As fontes do desespero e delito entre flores*; apresentados na TV Ceará, Canal 2, de Fortaleza, respectivamente em 1 abr., 30 abr., 11 dez. 1961; 10 mar. 1962; 19 out. 1964 e 24 nov. 1973.

## FONTES BIBLIOGRÁFICAS IMPORTANTES

*Bibliografia do conto brasileiro* (1841/1967), t. I. A/L, São Paulo: MEC, 1968; *Dicionário crítico do moderno romance brasileiro*, Belo Horizonte : A/J, 1970, v. I, p. 123-125; *Três momentos da ficção menor*, F. S. Nascimento, analisando contos de Oliveira Paiva, Herman Lima e Eduardo Campos, Fortaleza: Secretaria de Cultura e Desporto, 1982; *Dicionário prático da literatura brasileira*, Rio de Janeiro: Edições de Ouro, 1979; *Grande Enciclopédia Delta-Larousse*, Rio de Janeiro, 1970, v. III, p. 1261; *História do teatro cearense*, de Marcelo Farias Costa, Fortaleza: Universidade Federal do Ceará, 1972; Sérgio Milliet, *Diário crítico*, São Paulo, v. 2, p. 945; Raimundo de Menezes, *Dicionário literário brasileiro*, São Paulo: Saraiva, 1969, Instituto Nacional do Livro; Raimundo Girão e Maria da Conceição Sousa, *Dicionário da literatura cearense*, Fortaleza: IOCE, 1987; F. Silva Nobre, *1001 cearenses notáveis*, Rio de Janeiro: Casa do Ceará Editora, 1996.



## FONTES ESPECIAIS DE REFERÊNCIAS (EM LIVROS)

---

José Lemos Monteiro, *O compromisso literário de Eduardo campos*, Fortaleza: Secretaria de Cultura, 1981; Guilherme Neto, *Eduardo Campos, Ator e autor*, Fortaleza: Fundação Cultural de Fortaleza, 1996.

Essa é a súmula do currículo do intelectual Eduardo Campos, que cede para nossa sessão documentos: memória-história oral, sobre o evangélico, pastor, político, professor Natanael Cortez.

---

### NATANAEL CORTEZ

Natanael Pegado de Siqueira Cortez nasceu em 12 de janeiro de 1889, no município de Assu, Rio Grande do Norte; filho de Ismael Pegado de Siqueira Cortez e Umbelina Alves Cortez; faleceu em Fortaleza, Ceará, em 1967.

Iniciou seus estudos em escola pública, em Olho-d'Água, onde seu tio era diretor. Em 1902, a família mudou-se para a cidade de Senador Pompeu, Ceará. Completou seus estudos fundamentais no Colégio Quinze de Novembro, em Garanhuns, e a formação para o pastorado no Seminário Evangélico do Norte, na mesma cidade. Foi ordenado pastor em 18 de janeiro de 1915.

Casou-se, em primeiras núpcias, com Ana Soares Cortez; em segundas núpcias, com Honorina de Melo Cortez. Sua atividade primeira foi o ministério pastoral; atuou também no comércio e na indústria, na educação, na política, nas letras.

Enquadrado no receito de Cristo de 'dar a César o que é de Cesar' e desejando pagar o meu tributo de bom brasileiro, tenho exercido no Ceará, concomitantemente com as de pastor e evangelista, múltiplas outras atividades de feição social e secular<sup>1</sup>.

---

<sup>1</sup> IGREJA CRISTÃ PRESBITERIANA DE FORTALEZA. Boletim da Edição do Jubileu Pastoral do rev. Natanael Cortez. Fortaleza: Tipografia Mendonça, n. 5, dez. 1941, p. 6.

No ministério, foi pastor efetivo da Igreja Presbiteriana de Fortaleza por trinta e cinco anos, teve atuação prolífera na evangelização em todo o estado do Ceará, “[...] até no Joazeiro onde poteficou o Padre Cícero, a quem preguei o Evangelho em sua própria casa, m palestra amigável, em 1929”<sup>2</sup>, Paraíba e Rio Grande do Norte. Representou a igreja a qual pastoreou em sínodos, assembléias e congressos evangélicos, dentro e fora do país. Eleito presidente do Supremo Concílio em 1946; participou na reunião do Supremo Concílio da Igreja Presbiteriana do Brasil, em 1950, quando foi promulgada a Constituição da Igreja Presbiteriana do Brasil.

Eleito membro da Academia Cearense de Letras em 1931, emitiu discurso de posse publicado em livreto intitulado *Idéias e confrontos* (ocupou a cadeira de Heráclito de Alencastro Pereira da Graça). Na imprensa, publicou polêmicas nos jornais *Unitário*, *O Estado*, *Diário do Estado* e *Jornal Pequeno*.

Exerceu o magistério como professor em vários colégios em Fortaleza, dentre os quais no Liceu do Estado do Ceará, na Escola Normal, Colégio Militar do Ceará, até sua extinção, e no Colégio Floriano. Participou, como examinador, de concursos oficiais do estado para prover às cadeiras de inglês da Escola Normal e do Liceu.

Na vida política, foi deputado na Assembléia Legislativa do Estado do Ceará, eleito em 1929; atuou, também, como membro do Conselho Estadual de Agricultura.

## OBRAS PUBLICADAS

---

*Os dois tributos: a Cesar, a Deus.* Jubileu ministerial, 1915, 18 jan. 1965, rev. Natanael Cortez. Recife: Livraria e Gráfica Ediprés, s.d.

<sup>2</sup> Id. *ibid.*, p. 8.

*Mais uma santa:* memória crítica sobre a morte e cano-  
nização de Joanna d'Arc. Conferência na Igreja Presbiteriana  
de Fortaleza, 13 jun. 1920. Fortaleza: Atelier Royal, 1920.

*A questão operaria:* na defesa das classes trabalhistas dos  
campos e das cidades. Extratos de artigos publicados no  
*Correio do Ceará*. Fortaleza: Atelier Royal, 1931.

*A palavra da fé e o ministério da Palavra.* Parêntese aos  
teologandos de 1956 do Seminário Presbiteriano do Norte.

*O homem, a terra e o Estado.* Fortaleza: Gráfica Ramos  
Pouchain, 1966.

*O presbiterianismo do Brasil marchando para o centená-  
rio:* homenagem aos pioneiros. Recife: Livraria e Gráfica Edi-  
prés, s.d.

*Relatório e mensagens:* Presidência do Supremo Concí-  
lio da Igreja Cristã Presbiteriana do Brasil (1946-1950). São  
Paulo: Artes Gráficas Filadélfia, s.d.

*Conferência religiosa:* O caatholicismo protestante não  
se acha, absolutamente, em estado de bancarrota. Refutação  
ao jesuíta Camillo Torrend. Fortaleza: s.CP, 1919.

---

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CAMPOS, Eduardo. *Natanael Cortez e o ministério da palavra:* biografia de um  
pastor do Rebanho de Deus. Fortaleza: Stylus Comunicações, 1989.

CORTEZ, Natanael. *A sagrada peleja:* diário de um pastor  
no Ceará. VIANA, Paulo (Org.). Fortaleza: Universidade  
Federal do Ceará/Casa de José de Alencar, 2001, v. I.

IGREJA CRISTÃ PRESBITERIANA DE FORTALEZA.

Boletim: Edição do Jubileu Pastoral do rev. Natanael

Cortez. Fortaleza: Tipografia Mendonça, n. 5, dez. 1941.

<http://www.gripp.com.br/igreja.htm>. Acesso em 18 jul.05

[http://www.ipb.org.br/especial\\_aniversario/presidentes.php3](http://www.ipb.org.br/especial_aniversario/presidentes.php3)

. Acesso em 18 jul. 05

<http://www.eduardocampos.jor.br/>. Acesso em 15 jul. 2005

## TESTEMUNHO DE EDUARDO CAMPOS SOBRE SEU SOGRO, REV. NATANAEL CORTEZ

Namorei a filha sem conhecer o pai. O destino deu-me, de modo inesperado, um sogro intelectual, membro da Academia Cearense de Letras, industrial diligente e consagrado pastor evangélico.

Não há impositivos circunstanciais para quem ama.

Religioso eu era, mas não habituado a frequentar a igreja, como, e logo pressenti, comportava-se a filha do pastor Natanael Cortez, criada sob as boas lições dos Evangelhos, presente aos cultos do templo da Sena Madureira, histórico edifício mais perto de nós posto ao chão, feito pó, agora uma dolorosa saudade.

Almejando casar com a moça (conheci-a em noite de Ação de Graças pelo término da Segunda Grande Guerra), cabia-me equacionar possíveis divergências nesse delicado campo de princípios religiosos.

Fi-lo de imediato, conquanto soubesse que só por amor a mim, e grande amor era, minha mãe de criação, a Isabel Eduardo Campos, católica fervorosa (orgulhosa de sobrinho bispo – Dom Expedito Eduardo de Oliveira) jamais deixaria de estar ao meu lado, a incentivar-me em minha escolha.

Desse modo, só mais à frente ver-me-ia diante de meu futuro sogro. Esse, diferente da esposa, a respeitável senhora Honorina Itamar de Melo Cortez, logo me acolheu sem restrições. A esposa no entanto, por razões perfeitamente justificáveis, não se queria conformada com ver a filha, a Heldine, casar-se com outro jovem – e por cima locutor de rádio! –, quando a tinha confirmada para pretendente cuja irmã concertara matrimônio com o filho querido, Eldir.

Mas Deus tece a vida das pessoas à sua feição.

Enquanto se resignava minha mãe em ceder para a influência de protestantes, o tempo, a pouco e pouco, encarregar-se-ia de amenizar a desolação da querida sogra.

Mas até aí o reverendo, como tratado cerimoniosamente por mim, não se me tinha ainda revelado sábio pregador da palavra do Senhor, fato a que me acostumaria por diante, e por anos afim, cativado pelo seu tom sério, compenetrado e convincente, capaz de docilizar o coração mais rebelde.

E veio momento, a acontecer pelo início do nosso relacionamento, em que o pastor animou-se a avaliar o meu exercício literário. Dava-me crédito, foi-me contando, pela maneira fluente como escrevia (havia lido os meus *A face iluminada* e *A viagem definitiva*, sobre pequenas histórias do cotidiano), mas se lhe arrefecera o entusiasmo diante dos personagens, os de ponta de rua, principalmente, de linguagem – aí, como aquilo soava-lhe terrível! – incomedida, chula, a explicitar palavras... Que eu o perdoasse, mas não podia deixar de pelos menos reclamar certos vocábulos (e cenas) pouco convenientes à moral cristã.

Dei-lhe razão em parte. E esclareci. “Reverendo, eu descrevo certamente aquelas pessoas que ainda não tiveram a boa sorte de ser salvas pelo Senhor.”

Ele simplesmente sorriu aquele mesmo riso contido, disciplinado e benevolente, que nesse pregador de expressiva humanidade, vi estar em muitos momentos de sua vida, marca do pastor de alma pura que, a um repente ria-se a pressentir não poder transformar as coisas que o desagradavam.

Desse modo o vi sorrir, despontado mas sem mágoa, já atingido por enfermidade pérfida, após tornar ao Ceará (estacionara no Hospital do Câncer, em São Paulo, sob cuidados do Dr. Fernando Gentil), a querer saber do Dr. Galba Araújo, médico de sua afeição, se ainda “viveria um ano”, enquanto o esculápio, asséptico e álgido, simplesmente respondeu: “Por aí, professor, mas não mais que doze meses...”

Na adversidade, a toda certeza, passamos a conhecer melhor as pessoas com quem convivemos.

Em anos mais recuados, em circunstâncias também desafiantes, vi o reverendo, o “professor”, como tratado respeitosamente, sair de opressiva crise comercial, demorada e sofrida, e que em menos de dois anos haveria de consumir-lhe os recursos disponíveis à sua ação silenciosa e generosa, exercitada anos a fio, a subsidiar em Fortaleza a permanência de missionários norte-americanos, mantendo-os, não de raro, como observei, em tratamento de saúde em sua própria residência, onde demoravam também hospedados.

Enfrentaria, amparado pelos seus princípios éticos, a provação de inesperada concordata que desabava sobre sua vida, vexando o industrial de comportamento exemplar e de negócios sempre desempenhados com honradez.

Agora mais sofria. O meritíssimo juiz relator de seu processo não o reconheceu como pecuarista e agricultor, situação que o poderia tornar livre das aflições em perspectiva. Esquecido nesse julgamento (ou simplesmente ignorado) que, logo abaixo da importância do exercício de pastor, vinha-lhe em merecido destaque a grande dedicação às lides agrárias.

Mas Deus inspirou-o na resistência hercúlea. Deu-lhe, acudindo, os caminhos da redenção, tortuosos é bem verdade, que difícil não é cair, mas se erguer.

Nessa quadra dolorosa, de certa feita (e o episódio é verdadeiro) embora o funcionário do Banco do Brasil alegasse que “[...] o senhor, professor, não nos deve mais nada [...]”, o reverendo praticamente obrigou-o a receber parcela de dívida não mais apontada como tal na contabilidade da instituição. Mas na pessoal do reverendo, e bastante rigorosa, inscrita!

Daí por diante lhe cresceram os desafios. E não lhe faltaram percalços.

Tornou ao campo, a diligenciar com mais afinco na pecuária; voltou ao Cedro, e ali, exigido a fazer repetidas viagens, instalou fábrica de sua nova empresa Indústrias Cortez S/A.

Infelizmente já tinha à mão os recursos com que contara em anos passados, mais distantes, e que o ensinara viajar para o sul do país quantas vezes o requisitassem as convocações da Igreja Presbiteriana do Brasil, as despesas por sua conta.

Na luta para se reinstalar na vida e para acudir com mais conforto a sua família, aceitou a direção da Recebedoria do Estado, atendendo a convite do governador Parsifal Barroso, amigo a quem muito apreciava.

Doía-lhe ainda, nessa circunstância, posso imaginar, o seu posicionamento na Igreja Presbiteriana de Fortaleza, ausente das decisões administrativas em 1952, depois de bem exercitados 37 anos de pastorado, ali iniciado em Natal de 1915.

Toco no assunto, já agora a merecer avaliação mais profunda, a lamentar não ter acompanhado de perto a evolução desse episódio realmente nefasto para o trabalho daquela Igreja, que, a partir desse momento, pouco teria a acrescentar de mais significado em sua história.

A meu ver pareciam esquecer todos, ou quase todos os fiéis daquele templo, que daquela oficina de trabalho a serviço do Senhor saíra o pastor para, no curso de quatro anos, presidir ao Supremo Concílio da Igreja Presbiteriana do Brasil.

Discretíssimo nesse caso, o reverendo Natanael Cortez. Em nenhum momento repartiu comigo mágoas ou aflições decorrentes, mas certamente se considerou ignorado por boa porção dos parciais da congregação que, por lhe conhecerem o efetivo desempenho em favor da Igreja, podiam ter contribuído para reverter ou tornar menos precipitada a confirmação do novo pastor que deveria continuar dirigindo os destinos da Igreja, o que não ocorreu em visível desobediência à decisão do Presbitério.

Os tantos acontecimentos desagradáveis – o falecimento da filha querida, Hermantine; as amargas conseqüências de moratória injustamente declarada; o seu não reconhecimento como legítimo pecuarista; a indicação de novo pastor para a Igreja Presbiteriana de Fortaleza à revelia do Presbitério; a omissão, nesse caso, de bom senso na maioria dos congregados, praticamente vulneraram a saúde desse guerreiro da fé.

Assim mencionado, conclua-se: a enfermidade dolorosa que o acometeu foi dissabor maior.

Eram os primeiros dias de março de 1964. Logo detectada a ameaça maligna, não demoraram as providências.

Já em São Paulo, preso ao leito do Hospital do Câncer, pelas cartas que escreveu, pelos relatos dos parentes, em momento de tanta dor iria descobrir-se amado e respeitado por antigos amigos e companheiros de religião ali residentes.

Com transparente contentamento, por esses dias de 1964, relataria em carta:

Os pastores e o povo das Igrejas aqui me confortaram grandemente em visitas e orações. Você (a esposa) não pode imaginar quanto conforto recebi das visitas e orações dos Revs. Borges, Miguel Orlando e Miguel Rizzo.

Mais adiante: “No dia 16, começou a hora do sacrifício. Antes de ir para a sala de operação, cerca das 9 horas, chegou o Rev. Borges e leu a Bíblia e fez fervorosa oração”.

Ao outro dia, quando os médicos davam por terminada a primeira fase do tratamento, mais uma observação em

carta à esposa: “Acaba de chegar o Rev. Miguel Rizzo. Fez oração. Envia lembrança. A visita dele é sempre confortadora”.

Em Fortaleza, de volta ao convívio da família, o professor cuidou de lançar em documento escrito os fatos mais significativos de sua extraordinária jornada como evangelizador.

De resultado o livro *Os dois tributos*, repositório de suas memórias, obra marcada por sentenças que edificam. Aí proclamado:

As qualidades espirituais valem mais do que os anos.

[...]

A palavra é a expressão e o veículo da idéia. O ministério da palavra deve ser a expressão e o veículo da idéia, do pensamento e da vontade de Deus revelado ao homem.

Não decorrera mais de um ano e já em 1966, outra vez, estará de volta a São Paulo, novamente para estar sob os cuidados do Dr. Fernando Gentil. E para esse mais que paciente, sob afeição familiar, sentimento que o fazia recomendar à enfermeira tratamento especial, a repetir: “[...] ele é amigo de meu pai”.

Em setembro desse mesmo ano o médico lança mão de todos os recursos disponíveis da medicina. Promove aplicações de cobalto. E percebe, infelizmente, igualmente entendido pelos outros, que o professor definha, já não guarda mais o vigor de antes. Dão-se sinais de deficiente respiração.

A congregação evangélica de São Paulo comparece diariamente ao hospital. Cerca o grande pastor com afeição e encorajamento.

Desse modo narrado em carta pela Sra. Honorina Itamar de Melo Cortez:

Temos tido muitas visitas. Hoje (dia 9) estive à tarde o Sr. Cook. Ele o abraçou chorando. Agora à noite veio mais um diácono da Igreja Unida. O Rev. Rizzo, José Borges, Boanerges, Josafá e vários presbíteros. O Tenente Coronel Renato Guimarães e esposa (como gostamos dele!), Thalísia Peixoto, vários pastores da Igreja Unida, jovens da Mocidade [...]

Ao regressar ao Ceará era ainda um guerreiro obstinado, mas consciente, para enfrentar a última batalha.



Acompanhei-o nesse percurso doloroso, que se diz transe, vendo-o tomar providências, acertar o futuro de seus entes queridos que sabia ficarem.

E então nele repontou mais uma vez o agricultor, o homem da terra, a desejar repousar para sempre no humoso chão de sua propriedade rural – a decantada Fazenda Umari – em Uruquê, território onde nunca falta, cobrindo a terra, um soberbo céu de cintilantes estrelas.

Chegou a idealizar empreender a última viagem para esse páramo terrestre, de trem, o corpo já sucumbido. E em lá chegando, ao firmamento do Sertão Central, e em lá desembarcando, fossem todos os parentes e amigos assistir ao plantio de seu corpo (por que dizer sepultamento?) em chão que ele próprio reservara a si mesmo, ao fundo da capela, ali mandada erguer para difundir entre os irmãos do sertão a palavra de Deus.

Assim sonhara, e até mandara agilizar a própria lápide do túmulo (ou do canteiro?), com um epitáfio simples, por ele mesmo concebido, e artisticamente esculpido em mármore, as letras em tons brancos e azuis...

Sonho era, logo compreendeu.

Mas até deixar nosso convívio sempre se imaginou nessa viagem em direção ao sertão, à sua querida terra, e aí depositado para renascer não como gente, mas qual criatura vegetal, juazeiro eternamente verde, a dar sombra todo dia, por mais inclemente o sol.

Não tardaram os dias, em verdade os derradeiros de edificante existência. Ainda sob minha lembrança o reverendo a ir e vir do quarto ao gabinete de trabalho, o seu espaço preferido, modesto cômodo onde se alojavam, ao redor de escrivaninha e em prateleiras de madeira, os muitos livros de sua biblioteca.

Ali, à vista, cinco ou seis Bíblias; uns de orações, a pasta de compromissos e intenções, folhinhas de marcação, apressadas observações. E, em feição antiga, obras encadernadas quais *Os crimes dos papas* (mistérios e iniquidades da corte de Roma), por Maurício de Lachatre, publicação de Barata & Cia., em Lisboa, em 1874; e mais quatro volumes de *Cristo, história das religiões*, por José Huby, professor do Instituto Católico de Lyon, edição de 1941, etc.

À parede, à meia altura, alçado o retrato da filha Hermantine, deslemburada jamais.

Em cima da escrivaninha rara foto da esposa, como se lhe dissesse: “estou aqui, Cortez”.

E na cercadura ambiente, em decoração que se pode dizer circunstancial, um rebenque mais de enfeite que de tanger alimária, o amarfanhado chapéu do professor-vaqueiro proteger-se do sol, quando nas andanças pela fazenda, em Quixeramobim, a ver o gado, a prelibar a boca da noite refrescada pelo vento Aracati...

Bem ao alcance dos olhos a lembrança do touro, puro de origem, que lhe dera, com bastante orgulho, o prêmio maior em memorável exposição em Fortaleza.

Sobre a mesma mesa de escrever o gasto e longo tinteiro, testemunha de passado sem caneta “Bic”, prevalecente a tinta azul, a escrita a exigir a contínua ação absorvente do mata-borrão verde.

E papéis, muitos, a maioria em branco; alguns cortados em tiras de quatro dedos – ousou dimensionar assim – apropriadas para receber as boas idéias para o sermão da noite.

Escrevi antes a respeito: “Raramente as prédicas do Rev. Natanael Cortez obedeciam a um texto totalmente redigido [...]”.

Em azado instante, ao púlpito, o reverendo sentia chegada a hora de pôr-se menos formal, e aí as suas palavras, e que belas eram!, como inesperadas borboletas pareciam sobrevoar, cordiais, os que o ouviam com emoção e aceitação.

Os tempos mudam coisas e pessoas – o pensamento é meu.

Aquele contista dos anos quarenta que fui, muito por diante, já não causava espécie ao pastor.

Estaria até lembrado em sermão: *O Espírito Santo e a vida espiritual*.

O escritor Eduardo Campos esboça, em cores causticantes, essa fisionomia (de desencontro) da sociedade hodierna e aponta como causa principal da enfermidade a sedução das riquezas e a deserção dos lares.

Coisas e homens, quando mais perto de Deus, adquirem vocação perene. Assim transcorrem também os heróis, e nunca passam.

Repetindo o que disse deles Thomas Carlyle, personalidades como o pastor Natanael Cortez, “[...] crescem, morrem, e não morrem!”

Não morrem mesmo.